

**Subcultura ou fandom?
Apontamentos introdutórios para início de pesquisa**

*Subculture or fandom?
Introductory notes for beginning a research¹*

Gabriela Cleveston GELAIN²
Giovana Santana CARLOS³

Resumo

Este artigo busca apresentar opções teóricas para estudo de comunidades interpretativas ou grupos urbanos e juvenis em pesquisas no campo da Comunicação como Subcultura e Fandom. Introduzindo uma visão geral dos estudos de fãs e dos subculturais, destacamos temáticas, vertentes e mídias mais recorrentes nestes campos que podem ser pensados e adaptados a objetos empíricos em uma realidade brasileira a partir deste primeiro conhecimento internacional. Através de nossos percursos pessoais e acadêmicos e da demarcação de cada estudo, seus limites e vertentes, construímos um panorama geral de referências para ajudar pesquisadores da Comunicação a definir seu foco teórico e encontrar a identidade de seus objetos nestas investigações.

Palavras-chave: Fandom. Subcultura. Fãs. Culturas juvenis. Aca-fã.

Abstract

This article seeks to present theoretical options for studying interpretive communities or urban and youth groups in research in the field of Communication such as Subculture and Fandom. Introducing an overview of fan and subcultural studies, we highlight the most recurring themes, strands and media in these fields that can be thought of and adapted to empirical objects in a Brazilian reality based on this first international knowledge. Through our personal and academic trajectories and the demarcation of each study, its limits and aspects, we build an overview of references to help Communication researchers define their theoretical focus and find the identity of their objects in these investigations.

Keywords: Fandom. Subculture. Fans. Youth cultures. ca-fan.

¹ Este artigo foi apresentado e discutido no Congresso Comunicon (ESPM-SP) em 2018.

² Doutoranda no PPGCOM ESPM-SP. Bolsista CAPES. Pesquisadora associada na CLACSO.
E-mail: gabrielagelain@gmail.com

³ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) com doutorado-sanduíche no Departamento de Comunicação na DePaul University.
E-mail: giovanacarlos@gmail.com

Introdução

Enquanto os estudos de subcultura datam dos anos 1960, os estudos de fãs surgem cerca de 30 anos depois. O primeiro nasceu a partir das novas culturas juvenis emergentes a partir do final da segunda Guerra Mundial na Europa, enquanto o segundo, a partir da discussão sobre um público passivo versus público ativo nos estados Unidos e Europa - sendo o fã altamente engajado com a indústria midiática e seus textos. A princípio parece claro a distinção entre ambos: enquanto nos estudos de fãs percebemos uma relação mais direta com a indústria midiática, as subculturas não necessariamente se estabelecem por meio de relações através dessa indústria, e mais por uma questão de classe social, identidade e estilo. Visualizamos uma confusão no uso destes conceitos, principalmente com a complexidade contemporânea das relações humanas, especialmente mediadas por tecnologias (tradicionais e digitais) que facilitam criação, compartilhamento e consumo de conteúdos, assim como interações entre diferentes níveis sociais. Além disso, muitos pesquisadores parecem não terem clareza no uso de tais conceitos.

Assim, a ideia para este artigo surgiu através de uma singular experiência acadêmica que tivemos e exemplifica a confusão que podemos cometer. Em 2016, nos encontramos para unir nossos conhecimentos (estudos de subcultura e estudos de fãs) e com o objetivo de escrever um artigo sobre fanzines punk brasileiros analisando seus conteúdos imagéticos e textuais. Sendo o fanzine um produto, geralmente, atrelado à produção de fãs, parecia óbvio que encontraríamos uma ligação entre nossas expertises na relação do punk enquanto gênero musical e, portanto, uma interação mais direta entre músicos, música e fãs.

Ao nos depararmos com os conteúdos, entretanto, nossas hipóteses caíram: o que encontramos foram discursos contra o capitalismo e poderes hegemônicos, direcionados a ideologia punk, do que relações midiáticas entre fãs e bandas, como críticas de álbuns ou shows. Essa situação também nos levou a debater como decidimos seguir em nossas pesquisas no mestrado. Enquanto Carlos estudou os otakus brasileiros na prática de *scanlation*, Gelain focou em na subcultura punk e feminista Riot Grrrl no Brasil. Ambas optamos por seguir diferentes caminhos devido às nossas problemáticas e objetivos de pesquisa: Carlos com embasamento nos estudos de fãs, uma vez que o foco era numa

prática em que leitores de mangás se organizam, traduzem e editam os quadrinhos japoneses pela internet e disponibilizam gratuita e ilegalmente para os outros leitores; e Gelain com um breve mergulho nos estudos de subcultura, com o objetivo de entender o que as mulheres dizem sobre a atualização da subcultura Riot Grrrl (punk feminista) no Brasil.

Uma introdução sobre estudos de subculturas

A noção de Subcultura é bastante utilizada nas áreas da Antropologia, da Sociologia e dos Estudos Culturais, e vem sendo, aos poucos, trabalhada também na área da Comunicação. Muitas vezes, o "Sub" é questionado como se fosse subcultura designasse uma "cultura inferior", mas na realidade tem relação aos valores, crenças, atitudes, identidade e estilos de vida de uma minoria dentro da sociedade. Assim, os temas mais recorrentes pelos estudos de subcultura são geralmente grupos relacionados a geração jovem, identidades e estilos ligados a música. No entanto, também existem estudos sobre os quartos de meninas adolescentes dos anos 90 ou *Bedroom Culture* (LINCOLN, 2004), o estudo caso sobre Turistas e Viajantes - *Tourists and Travellers* (SWEETMAN, 2014), consumo, moda, gênero e tribos digitais (COVA et. al, 2017), vida hedonista (mods), grupos étnicos, empreendedorismo e *ethos* Do It Yourself.

Ou seja, há atravessamentos subculturais para outros caminhos empíricos que não apenas os musicais, e estes partem dos questionamentos com relação aos primeiros trabalhos investigativos sobre as subculturas do pós-guerra, ou seja, as subculturas surgem quando as mudanças na sociedade levaram jovens a se rebelarem contra os modos dominantes impostos. Enquanto o conceito de "cultura juvenil" se refere a jovens de distintas comunidades e contextos na sociedade, a "subcultura" seria a fragmentação dessa cultura em grupos menores e unidos, especialmente entre as linhas de classes sociais.

A noção de pertencimento dos jovens britânicos do pós-guerra foi fragmentada, fragilizada e assim, manifestaram ideologias, atividades e criaram valores e espaços comuns das classes operárias, ou seja, houve uma reconfiguração de sua identidade cultural na época, formando subculturas. Embora as subculturas não sejam grupos privilegiados, também não ficam fora de um circuito de produção (como o DIY) e de uma reprodução da totalidade social (HEBDIGE, 1979; ABRAMO, 1994; RONSINI,

2007; HALL e JEFFERSON, 1976) - por exemplo, os punks que reproduzem o machismo dentro de seu grupo que se afirmam anti-sexista, algo que foi discutido pela subcultura Riot Grrrl por Gelain (2017).

Assim, as subculturas também são, muitas vezes, colocadas como sinônimos de culturas juvenis e também relacionadas a outros conceitos como “neotribo” e “tribo” (MAFFESOLI, 1987; BENNET, 1999), cenas musicais (JANOTTI, 2016; GUERRA, 2010, PEREIRA DE SÁ, 2013; STRAW, 2013) e contracultura (PEREIRA, 1992). Analisando as subculturas, nos anos 1970 os pesquisadores dos Estudos Culturais do *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), da Universidade de Birmingham, desenvolveram uma série de investigações objetivando uma reinterpretação da definição e do significado destes grupos. Assim, Hall e Jefferson (1976) problematizaram a noção de que as culturas juvenis eram referentes à cultura da classe social da qual seu grupo era originário. Deste modo, explicaram as subculturas como conjuntos menores dentro das culturas de classe social (ou cultura dos pais), em uma rede cultural maior: as subculturas devem, primeiramente, ser observadas em relação à cultura dos pais, depois à dominante, e, quando são diferenciadas por idade e geração, podem ser chamadas de “culturas juvenis”.

No entanto, a abordagem do CCCS em relação ao modo como conceituaram as subculturas foi criticada pela seletividade nas escolhas dos grupos que se propuseram a investigar, como as subculturas de classes sociais trabalhadoras, o que poderia levar a uma linha de pensamento de que todas as subculturas tivessem a mesma origem ou justificativa. A partir dos anos 1990, teóricos de Birmingham questionaram esta justificativa classista e direcionaram suas análises para o conceito de “Pós-Subcultura” (MUGGLETON, 2000), na qual a questão de classe social (RONSINI, 2007) já não se apresenta de modo rígido ou imprescindível para refletir a questão do pertencimento à subcultura: jovens de diferentes classes sociais podem ter reações contrárias à cultura dos pais. Esta reconfiguração para o conceito "Pós-Subcultura" é assinalada pela aprovação de que a subcultura não é voltada, necessariamente, ao viés ideológico, mas, em muitos casos, para o estilo estético, onde os processos, anteriormente de resistência ou de justificativa de classe social, hoje também são de identificação (MUGGLETON, 2000; AMARAL, 2006; GUERRA, 2013).

Já o termo “Tribo”, como proposto por Maffesoli (1987) ou "Neotribo", como já proposto por Bennett (1999) é usado para repensar as conexões entre gosto musical,

estilo e juventude com o crescimento das críticas sobre os primeiros viéses subculturalistas. Bennett (1999) conseguiu mostrar este viés quando percebeu que o pertencimento neotribal é relacionado a um leque de gostos, uma vez que o indivíduo pode se sentir conectado a mais de um estilo musical. Ou seja, neotribos são grupos mais fluidos do que as subculturas, grupos contemporâneos e jovens, como por exemplo, o público jovem de dança urbana.

A relação entre “Subcultura”, “Cena” e “Tribo” nos estudos de Música Popular e Culturas Juvenis já foi discutida no trabalho de Hesmondhalgh (2005). A partir dos anos 1990, o conceito de “Cena” começou a ser disseminado e de fato assumido nas pesquisas acadêmicas e análises sociológicas, sendo usado por antropólogos, sociólogos e geógrafos com interesse em pesquisar espaços de produção e consumo essencialmente musicais (GUERRA, 2010). As cenas seriam enquadramentos que afirmam territórios sonoros, delineamento de experiências e consumos culturais estruturados por sonoridades, onde os sujeitos das cenas se organizam em diferentes circuitos culturais (GUERRA, 2010; JANOTTI, 2012). O termo cena musical (JANOTTI, 2012; PEREIRA DE SÁ, 2013) também começa a ser utilizado para os estudos sobre música “e mais adequado do que o conceito de subcultura para expressar a existência de práticas expressivas e rituais em torno da música” (GUERRA, 2010, p. 441). Algumas vezes o termo pode confundir, pois há autores que o utilizam para remeter a um espaço geográfico específico, enquanto outros o adotam para falar de um espaço cultural que transcenderia ao local.

Muitas vezes, os conceitos de Contracultura e Subcultura também são confundidos na área acadêmica - embora em conteúdos de algumas mídias alternativas como os fanzines, sejam tratados como sinônimos. O conceito de Contracultura pode referir-se ao conjunto de movimentos de rebelião da juventude que marcaram os anos 1960: o movimento hippie, a música rock, a movimentação nas universidades, as mochilões (viagens), drogas, o orientalismo, que são levados à frente com contestação por um outro modo de vida. Centrada na oposição à Guerra do Vietnã, a contracultura hippie mostrou sua insatisfação com os valores do capitalismo. (PEREIRA, 1992; EDGARD; SEDGWICK, 2003). Para Jefferson e Hall (1976), as subculturas do pós-guerra são muito articuladas, ao passo que as contraculturas da classe média são difusas e mais individualizadas. A subcultura ainda é útil para entender padrões de consumo e de produção cultural, como a música e a dança, que não revelam somente as estruturas

de ação e comportamento, mas também a reação a elas e o desejo de outras formas de pertencimento. Assim como a contracultura, a subcultura tende a pressupor alguma forma de resistência à cultura dominante - ou seja, existem pontos em comum. Entretanto, a Contracultura, segundo Edgard e Sedwick (2003) refere-se a grupos capazes de justificar e avaliar intelectualmente sua posição - por exemplo, os hippies. Já as subculturas articulam sua oposição servindo-se da exploração do significado de estilos de se vestir e de padrões de comportamento, como por exemplo, os punks, que utilizaram fortemente sua vestimenta para expressar seu viés ideológico.

Para esses estudos, sugerimos as metodologias de etnografia (presencial e/ou virtual), o estudo de caso e observação participante; a técnica de entrevista em profundidade e a posição do pesquisador enquanto *insider*, se este pertencer ao grupo estudado, e tiver tempo e oportunidade de inserir-se ao grupo; a categoria de análise de capital subcultural (THORNTON, 1995) e continuidade subcultural (HODKINSON, 2011; GELAIN, 2017). Segundo Frago, Recuero e Amaral (2011), a escolha de ser uma pesquisadora insider aumenta as opções na investigação, influencia na descrição e interpretação dos resultados da pesquisa, bem como no modo de narração, que pode aparecer em estilo confessional. Com relação a congressos e encontros para um maior aprofundamento nos estudos de subcultura e música popular, estão os encontros nacionais e internacionais da IASPM (*International Association for the Study of Popular Music*), a *Kismif International Conference* (Portugal), o GT de Estudos de Som e Música da COMPÓS e o Comúsica (Congresso Nacional de Comunicação e Música).

Ao longo das nossas experiências em congressos e leituras de artigos com relação aos temas de subcultura e fãs, percebemos muitas vezes um uso equivocado ou solto destes conceitos. Uma das categorias que são usadas com certa frequência nos estudos de grupos que caracterizam uma subcultura é a categoria intitulada Capital Subcultural (THORNTON, 1995) que já foi problematizado por Jensen (2014), por um viés que afirma que Thornton falha por uma relutância em dedicar atenção analítica à posição social e outras variáveis sócio-estruturais dos participantes de uma subcultura, bem como situar analiticamente o grupo estudado em termos de raça, etnia, gênero e classe.

Além disso, embora as subculturas sejam, atualmente, associadas em grande parte às culturas de pessoas jovens ligados à música, este conceito também pode ser aplicadas a grupos étnicos, de gênero e sexuais - o que pode confundir os pesquisadores,

principalmente na busca de artigos científicos com relações a subculturas ligadas a música. Ou seja, grande parte do conceito subcultural foi desenvolvido pela sociologia do desvio, referindo-se, por exemplo, à cultura de crimes e usuários de drogas. Acreditamos que então seja importante, ao longo de uma pesquisa que utilize o conceito, direcionar sobre qual a ênfase de direcionamento sobre a escolha de usar o termo "subcultura" em suas pesquisas para não confundir seus leitores.

Introdução aos estudos de fãs e fandom

No cotidiano a palavra “fã” é usada para designar alguém que gosta muito de uma banda musical, uma série de TV ou alguma forma de arte como a literatura. Ao nos referirmos a um grupo de fãs, usamos a palavra “fandom”. Alguns fãs possuem denominações específicas, como os “whovians” para os fãs da série britânica de TV “Doctor Who”, “otakus” para fãs da cultura pop japonesa, “K-poppers” para os de música pop coreana, além da existência de expressões populares como “noveleira” para quem é fã de telenovelas.

Os primeiros usos do termo “fã” se deram no século XIX, no meio jornalístico, para designar torcedores de esportes e para frequentadoras de teatro (JENKINS, 1992), em que o tom dado a essas pessoas eram o do misantropo obsessivo e da massa de garotas histéricas (MONTEIRO, 2007). Atualmente, fãs são vistos como participativos e conectados, tanto no sentido comunitário quanto no uso da internet. Constituem uma multiplicidade de práticas, grupos, motivações tanto em nível pessoal quanto grupal. Mas mais do que participação, há imbricadas as dimensões de afeto e identificação, moldando a identidade desse fã enquanto sujeito. Não à toa, os estudos subculturais são ligados aos de fãs, assim como outros conceitos relacionados à participação de públicos, consumidores, audiências, usuários etc., no que tange à participação, tais como prosumers e influenciadores, além de gerarem conceitos como “narrativa transmídia” e “cultura da convergência” (EVANS, STACI, 2014).

Os Estudos de Fãs (EF), consagrados na língua inglesa como Fan Studies, tem como data de origem 1992⁶. Neste ano, três livros são lançados sobre fãs: “*Textual Poachers: Television Fans and Participatory Culture*” de Henry Jenkins, “*Enterprising Women: Television Fandom and the Creation of Popular Myth*”, de Camille Bacon-Smith e a coletânea organizada por Lisa A. Lewis, “*Adoring Audience: Fan Culture and*

Popular Media”. Enquanto Bacon-Smith apresenta sua pesquisa etnográfica sobre mulheres como audiência e fãs, “*Adoring Audiences*” traz diversos artigos sobre fãs e suas produções, em suas relações com a indústria, assim como a discussão de gênero nos fandoms. Entretanto, a obra de Jenkins é a mais lembrada e citada, devido à sua teorização sobre fãs como “invasores de textos” (“*textual poachers*”). Através da metáfora do caçador nômade e suas táticas pensada por Michel de Certeau (2014), Jenkins adapta e elabora uma teoria para entender os comportamentos e práticas de fãs. Diferenciando-os de um público “comum”, o autor afirma a necessidade de uma abordagem específica para fãs, já que possuem a uma experiência mais aprofundada com o texto midiático. Como leitor, o fã não apenas lê uma obra: ele a reinterpreta e a ressignifica. Há uma apropriação para a sua vida cotidiana, pois sua identidade cultural é construída a partir dela (GRECO, 2015).

Entre as discussões levantadas no livro, Jenkins (2015, p. 62) aponta a experiência coletiva do fandom, na qual a leitura do fã “é um processo social através do qual interpretações pessoais são moldadas e reforçadas através de discussões constantes com outros leitores”. E, mesmo numa realidade diferente da atual, em que a internet e mídias digitais são presentes no cotidiano da maioria das pessoas, isto é, com essas tecnologias começando a ganhar força na década de 1990, Jenkins já descreve a aproximação dos fãs com os produtores da indústria. Com referências dos estudos culturais e de recepção, os fãs começam a ser estudados como audiência e ligados ao cenário midiático, numa discussão sobre audiência passiva versus audiência ativa, assim como o uso das mídias no cotidiano das pessoas (FORD, 2014).

Na tentativa de traçar uma história dos Estudos de Fãs, Bielby e Harrington (2007) e Gray, Sandvoss e Harrington (2018) descrevem os estudos de fãs em três ondas, destacando que elas podem se sobrepor – por isso escolhem “ondas”, ao invés de “fases”. Na primeira onda destacam o surgimento dos EF nos anos 1990 e sua tentativa de legitimar os estudos tentando mostrar fãs de forma não-patológica, caracterizando essas pesquisas como ativistas. O foco era nas práticas e apropriações de fãs e seus impactos na economia, relações afetivas na produção e organização de fãs e as lógicas dos fãs em comunidades, assim como a participação feminina em fandoms específicos e o fã como crítico e produtor (MORALEJO, 2018). Nessa onda, apontam a preocupação com questões relacionadas à poder e à representação, já que o consumo de mídias de massa era visto como um lugar de disputas de poder, isto é, ser fã era visto como um ato

de apropriação e subversão contra o poder dos produtores e mídia. Foi um momento em que pesquisadores faziam um trabalho político de tentar mostrar mais do que a comum ridicularização dos fãs, por isso os autores intitulam essa fase de “fandom é lindo”.

A segunda onda, move-se do paradigma de resistência/cooptação para assinalar a replicação de hierarquias sociais e culturais dentro dos fandoms e subculturas na década seguinte. Assim, as escolhas dos objetos dos fãs e suas práticas manifestam seus capitais social, cultural e econômico. Além disso, fãs ganham evidência na grande mídia e passam a ser vistos como consumidores especializados, sendo essa onda recebendo dois títulos “Fãs no mainstream” e “Culturas de fãs e hierarquia social” (CARLOS, 2011). Tanto os atos individuais de consumo como as interpretações das comunidades de fãs são impregnadas por suas condições sociais e culturais. Buscando entender quem e como são os fãs, os pesquisadores conseguiram mais mostrar do que não se trata um fandom, isto é, um espaço de autonomia e resistência.

Como ser fã foi se tornando uma forma cultural de engajamento muito mais comum, abordagens anteriores baseadas em modelos de fãs como participantes altamente organizados em subculturas e culturas de fãs não correspondiam às autodescrições e experiências de muitos membros de audiência que se descreviam como fãs (veja Sandvoss, 2005). (GRAY, SANDVOSS, HARRINGTON, 2018, p. 6)

Na primeira onda os fãs ficavam restritos a espaços como convenções de fãs, em mídias específicas como fanzine ou produções de fãs como a fan fiction. Com a internet e tecnologias digitais, na segunda onda, ganham mais visibilidade, assim como aproximação com os produtores oficiais e as indústrias culturais.

A partir dos anos 2000, a terceira onda é marcada por mais empirismo do que conceitualização do que é ser fã, já que pode mudar bastante de fandom a fandom e conforme o tempo. O foco passa a ser nos prazeres intrapessoal e motivações entre fãs, resultando em um leque de abordagens psicanalíticas. Além de questões de classe e hegemonia no fandom, as abordagens questionam questões sociais, culturais e econômicas que demarcam o nosso tempo, culminando no título “Fandom e Modernidade”. Entendendo o consumo de fãs como um aspecto subestimado da comunicação e consumo moderno, os autores (2018, p. 7) defendem que estudar fãs “nos ajuda a entender e encontrar desafios além do reino da cultura popular porque eles nos contam algo sobre como nós nos relacionamos conosco mesmo, entre nós, e como ler os textos mediados que nos cerca”. Assim, temos pesquisas focadas em comunidade

e identidade. Não só o fã será abordado, mas os conflitos internos no fandom, o papel das produções dos fãs dentro do fandom (MORALEJO, 2018); o antifã que mais do que um *hater*, conhece o texto midiático como um fã mas o odeia (MONTEIRO, C., 2013); fantagônismos, isto é, as disputas entre diferentes fandoms, além de outros tantos temas como o difícil trabalho de separar fãs e produtores na atualidade, quando mais e mais as linhas que separam fãs e indústrias se misturam (BOOTH, 2015).

Alguns temas que se destacam a partir dos anos 2010, são os de peregrinação e turismo (GODWIN, 2017); fandom transculturais e transnacionais (CHIN, MORIMOTO, 2013), em diversas questões como as práticas ilegais; questões que envolvem a materialidade, como colecionismo (CARLOS, 2016); performance e relação com celebridades (SOARES, MASCARENHAS, 2015); idadeismo, isto é, fãs envelhecendo junto ao fandom (PETERSEN, 2017). Um tema bastante importante tem sido o lado político do fandom, tanto no sentido de participação política ou mobilização social (JACQUES FILHO, 2013; AMARAL, SOUZA, MONTEIRO, 2015). De forma crítica, alguns estudos vêm discutindo a predominância de estudos sobre pessoas brancas e anglo-saxões, e a falta de afro-descentes, por exemplo (WANZO, 2015), além do lado tóxico e machista do fandom (BUSSE, 2013).

Em relação à metodologia, os EF se caracterizam por abordagens etnográficas, seja online ou offline, psicanalíticas e análises textuais, sendo a etnografia a mais comum e principal (EVANS, STACY, 2014). Dentro da abordagem etnográfica, há a discussão de uma autoetnografia auto-reflexiva do pesquisador, ou como Jenkins (2006) chama do “aca-fã”, para descrever esse acadêmico que também é fã do fandom que pesquisa. As vantagens seriam falar abertamente de suas experiências, evitar noções de senso comum, desafiar a academia e tratar os fãs não como outros (HILLS, 2002). Evans e Staci (p. 16, 2014) apontam como desvantagens, e cuidados que o pesquisador deve ter, “ao focar muito nos sentimentos individuais, e risco de não perceber as estruturas culturais maiores que interagem com esses sentimentos: de forma curta, pode ser difícil criticar a sua própria tribo – ou você mesmo, na verdade”.

Embora a maioria da bibliografia esteja em inglês, para maior aprofundamento no Estudos de Fãs sugerimos buscas nas revistas científicas: *Transformative Works and Cultures*, *Journal of Fandom Studies* e *Journal of Audience and Reception Studies*. No Brasil, há 2 dossiês sobre fãs datados de 2016: o primeiro, volume 15 dividido em dois

números, na revista *Vozes & Diálogos*⁴; e o segundo, pela Revista *Geminis* focado em fãs e ativismos⁵; além de ser possível encontrar artigos em diferentes revistas e dossiês. É possível também acompanhar as tendências nas seguintes conferências internacionais: *Fan Studies Network* (FSN), *Society for Cinema and Media Studies* (SCMS), *Popular Culture Association* (PCA), *Society for Media and Celebrity Studies* (CMCS). Durante 2018, em seu blog “*Confessions of an acafan*”, Henry Jenkins está fazendo um apanhado dos estudos de fãs através do convite a pesquisadores para escrever sobre suas pesquisas⁶ e os EF.

Questões de gênero nos estudos de subcultura e fãs: primeiras indagações

As questões de gênero são um ponto muito relevante dentro dos estudos de subculturas e de fãs e merece destaque. McRobbie (1980; 1975) e Garber (1975) já falaram sobre invisibilidade da investigação sobre as garotas dentro dos estudos de subcultura. A reflexão é sobre se os pesquisadores homens refletem apenas seus interesses ao pesquisar, deixando de lado investigações sobre mulheres. Weller (2005) afirmou que há uma lacuna no que diz respeito à participação de mulheres nos estudos juvenis, além da questão da identidade étnica e da fase da vida adolescente para a adulta. Era comum encontrarmos pesquisas sobre grupos juvenis e subculturas de modo a entender a categoria “juventude” como um todo, onde não havia uma diferenciação de gêneros. Hoje tais questões estão ganhando aos poucos um destaque dentro dos estudos subculturais e parece haver uma crescente de estudos feministas que incluam as categorias juvenis.

Nos Estudos de Fãs, há também uma preferência por foco nos objetos masculinos pelos pesquisadores homens, entretanto, uma preferência nas femininas pelas mulheres (FORD, 2004). Isto é, enquanto os pesquisadores preferem focar em esportes ou séries entendidas como masculinas, as pesquisadoras debruçam-se sobre novelas e práticas como *fan fiction*, realizada majoritariamente por mulheres. Na

⁴ Disponíveis nos links <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/vd/issue/view/389> e <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/vd/issue/view/394>. Acesso em 16/06/20

⁵ <http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/issue/view/FAR>. Acesso em 16/06/20

⁶ <http://henryjenkins.org/blog/2018/3/1/the-state-of-fandom-studies-2018-introduction>. Acesso em 16/06/20

literatura inglesa dos EF, inclusive divide-se os fandoms em afirmacionais e transformativos, sendo os primeiros entendidos mais do âmbito masculino, por serem aqueles voltados a respeitar a lógica dos produtores e de hierarquia, enquanto os segundos, femininos, ser da lógica do amadorismo, mais participativo, e de remixes.

Busse (2013) salienta que nos fandoms, enquanto fãs masculinos são vistos como ativos, intelectuais, agressivos e objetivos, as mulheres são vistas como passivas, sensíveis, emocionais e subjetivas, tendo seus interesses, espaços e formas de engajamentos menos ou nada considerados. São exemplos, as fãs da saga de livros e filme "Crepúsculo" ou da série televisiva "*Supernatural*". Enquanto na academia, tanto homens quanto mulheres têm espaço e dividem-se nos estudos de ambos os gêneros, suas produções e seus espaços, ainda há falta de diferenciar os gêneros dentro dos fandoms quando num mesmo estudo; já nos próprios fandoms ainda há muito relatos dos preconceitos enfrentados por mulheres e, principalmente, garotas. Além disso, ainda são escassos os estudos de pessoas transgêneras, embora existentes (VENA, 2017).

Considerações finais

Por fim, o intuito do nosso trabalho foi unir diferentes conhecimentos - que de algum modo se encontram - para esclarecermos um pouco mais das vertentes dos estudos de fã e subcultura, pois quando primeiramente nos encontramos para escrever um primeiro artigo ao Comunicom em 2016, percebemos que tal indagação ocorre facilmente - não apenas conosco, mas com outros pesquisadores quando buscamos por qual linha direcionar nossos objetos de pesquisa. Tentamos, assim, esclarecer um pouco mais as linhas subculturais e de fãs, mostrando referências e ramificações destes conceitos de pesquisa, temas e metodologias.

No entanto, é importante entender os contextos (social, econômico, cultural) das teorias e seus vieses que discorreremos neste texto, para assim pensarmos em como adaptar estes conceitos de Fandom e Subcultura e suas vertentes a uma realidade de objetos empíricos comunicacionais no Brasil e claro, na América Latina: o quanto a mídia influencia estes grupos analisados; as questões de classes sociais e desigualdade social; as misturas étnicas, identitárias e culturais; as questões de gênero e o sexismo em nossa sociedade latino-americana. Assim, tanto nos estudos de subcultura quanto nos estudos de fandom, visualizamos que as questões de gênero precisam ser analisadas

com um olhar mais atento, pois há contrastes entre pesquisadores e pesquisadoras quanto a escolha de seus objetos e o recorte que destinam a eles.

Referências

ABRAMO, Helena W. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.

AMARAL, Adriana SOUZA, Rosana. V.; MONTEIRO, Camila. De westeros no #vemprarua à shippagemdo beijo gay na TV brasileira?. Ativismo de fãs: conceitos, resistências e práticas na cultura digital. In: **Galáxia** (São Paulo. Online), p. 141-154, 2015.

AMARAL, Adriana. **Visões perigosas: uma arque-genealogia do cyberpunk**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

BENNETT, Andy. **Postwar youth and rock ‘n’ roll, cultures of popular music**. Buckingham, Philadelphia: Open University Press, 2001.

BENNETT, Andy. Subcultures or Neo-Tribes? Rethinking the relationship between youth, style and musical taste. In: **Sociology**. vol. 33, n 3, 1999.

BIELBY, Denise D. HARRINGTON, C. Lee. Global fandom/global studies. In: GRAY, Jonathan; SANDVOSS, Cornel; HARRINGTON, C. Lee. (Orgs.). **Fandom: identities and communities in a mediated world**. New York: New York University Press, 2007, p. 179-197.

BOOTH, Paul. **Playing fans: negotiating fandom and media in the digital age**. Iowa: University of Iowa Press. 2015.

BUSSE, Kristina. **Geek Hierarchies, Boundary Policing, and the Gendering of the Good Fan**. 2013. Disponível em:
<http://www.participations.org/Volume%2010/Issue%201/6%20Busse%2010.1.pdf>

CARLOS, Giovana. **“Que coisa é essa?”: reflexões sobre a materialidade nos estudos sobre fãs e objetos**. 2016. Disponível em:
<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/vd/article/view/8840>

CARLOS, Giovana. **O(s) fã(s) da cultura pop japonesa e a prática de scanlation no Brasil**. (Dissertação de Mestrado em Comunicação e Linguagens) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. 22. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHIN, Bertha. MORIMOTO, Lori. **Towards a theory of transcultural fandom**. 2013. Disponível em:
<http://www.participations.org/Volume%2010/Issue%201/7%20Chin%20&%20Morimot%2010.1.pdf>

CLICK, Melissa. SCOOT, Suzanne. **The Routledge Companion to media fandom**. Routledge: New York. 2018

COVA, Bernard. KOZINES, Robert V., SHANKAR, Avi. **Consumer tribes**. Oxford: Elsevier, 2007. 340p.

EVANS, Adrienne. and STACI, Mafalda. **Desperately seeking methods: new directions in fan studies research**. 2014. Disponível em: <http://www.participations.org/Volume%2011/Issue%202/contents.htm>

FORD, Sam. **Fan studies: Grappling with an ‘Undisciplined’ discipline**. Journal of Fandom Studies, Volume 2, Number 1. 2014. Disponível em: https://doi.org/10.1386/jfs.2.1.53_1

FRITH, Simon.; MCROBBIE, Angela. Rock and sexuality. In: FRITH, S.; GOODWIN, Andrew. **On the record: rock, pop and the written word**. New York: Taylor & Francis e-Library, 2005.

GELAIN, Gabriela Cleveston; CARLOS, Giovana Santana. Fanzine e subcultura punk: produção, consumo e identidade na cena brasileira. Comunicon, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2016.

GELAIN, Gabriela Cleveston (2017), **Releituras, transições e dissidências da subcultura feminista Riot Grrrl no Brasil**, Dissertação de Mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo.

GODWIN, Victoria. **Theme park as interface to the wizarding (story) world of Harry Potter**. 2017. Disponível Em: <https://doi.org/10.3983/twc.2017.01078>

GRAY, Jonathan; SANDVOSS, Cornel; HARRINGTON, C. Lee. Introduction: Why Study Fans? In: GRAY, Jonathan; SANDVOSS, Cornel; HARRINGTON, C. Lee. (Orgs.). **Fandom: identities and communities in a mediated world**. New York: New York University Press, 2018, p. 1-26.

GRECO, Clarice. **O fandom como objeto e os objetos do fandom**. [Entrevista com Matt Hills]. Revista Matrizes, São Paulo, v. 9, n. 1, 2015. Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/651/pdf>.

GRECO, Clarice. **O fandom como objeto e os objetos do fandom**. [Entrevista com Matt Hills] 2015. Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/651/pdf>.

GUERRA, Paula Maria Tavares. **A instável leveza do Rock: Gênese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal (1980-2010)**. Volume I. Dissertação de Doutorado orientada por Dr. Augusto Ernesto Santos Silva. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, 2010.

HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony (Eds.). **Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain**. London: Hutchinson, 1976.

HEBDIGE, Dick. **Subculture: the meaning of style**. London: Methuen, 1979.

HESMONDHALGH, David. Subcultures, Scenes or Tribes? None of the Above. In: **Journal of Youth Studies**. Routledge. Vol.8, No.1, March 2005, pp.21-49.

HILLS, Matt. **Fan Cultures**. Londres: Routledge, 2002.

HODKINSON, Paul. Ageing in a spectacular 'youth culture': continuity, change and community amongst older goths. In: **The British Journal of Sociology**, London, v. 62, issue 2, 2011.

JACQUES FILHO, Edu. **A narrativa ficcional de Harry Potter como objeto de intervenção política**. 2013 Disponível em: http://coral.ufsm.br/sipecom/2013/wp-content/uploads/gravity_forms/1-997169d8a192ed05af1de5bcf3ac7daa/2013/09/A-narrativa-ficcional-de-Harry-Potter-como-objeto-de-interven%C3%A7%C3%A3o-pol%C3%ADtica-Edu-Jacques.pdf

JANOTTI JR, Jeder. S. Partilhas do Comum: cenas musicais e identidades culturais. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Unifor. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1388-1.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2016.

JENKINS, Henry. **Fans, bloggers and gamers: exploring participatory culture**. New York: New York University Press. 2006.

JENKINS, Henry. **Invasores do texto**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial. 2015.

JENKINS, Henry. **Textual Poachers: television fans and participatory culture**. New York: Routledge, 1992.

JENSEN, Sune Qvotrup. Repensando o capital subcultural. In: **Revista Ecopós**, Comunicação e gosto v.17, n3. 2014.

LINCOLN, Sian. 'Bedroom Culture': Codes versus Zones. In: BENNET, Andy. KAHN-HARRIS, Keith. **After Subculture: Critical Studies in Contemporary Youth Culture**. New York: Palgrave Macmillan, 2004. 197p.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária 1987.

MCROBBIE, Angela. Settling accounts with subcultures: a feminist critique. In: FRITH, S.; GOODWIN, A. (Eds.). **On record: rock, pop and the written word**. New York: Pantheon Books, 1980.

McROBBIE, Angela.; GARBER, Jenny. Girls and Subcultures. In: HALL, S.; JEFFERSON, T. (Eds.). **Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain**. London: Hutchinson; Birmingham: The Center of Contemporary Cultural Studies from the University of Birmingham, 1975. p. 209-222.

MONTEIRO, Camila. **Fãs, só que ao contrário: um estudo sobre a relação entre fãs e antifãs a partir do fandom da banda Restart**. (Dissertação de Mestrado em Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2013.

MONTEIRO, Thiago. **As práticas do fã**: identidade, consumo e produção midiática. Dissertação (dissertação Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

MORALEJO, Sarah. **Fanwork de fanwork**: a rede de produção dos fãs. (Tese de Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MUGGLETON, David. **Inside subculture**: the postmodern meaning of style. Oxford: Berg, 2000.

PEREIRA DE SÁ, Simone. As cenas, as redes e o ciberespaço: Sobre a (in)validade da utilização da noção de cena musical virtual. In: JANOTTI JR., Jeder. **Comunicações e territorialidades: Cenas Musicais**. Guararema, SP: Anadarco, 2013.

PEREIRA, Carlos Alberto. **O que é contracultura**. 8. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

PETERSON, L. **"The florals"**: Female fans over 50 in the "Sherlock" fandom. 2017. Disponível em: <http://journal.transformativeworks.org/index.php/twc/article/view/956>

RONSINI, Veneza Mayora. **Mercadores de sentido**: consumo de mídia e identidades juvenis. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SOARES, Thiago. MASCARENHAS, Alan. **Estética do Fandom**: Experiência e performance na música pop. 2015. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/viewFile/6156/3989>.

STRAW, Will. Cenas Culturais e as Consequências Imprevistas das Políticas Públicas. In: PEREIRA DE SÁ, Simone; JANOTTI jr, Jeder (organizador). **Comunicação e Territorialidades: Cenas Musicais**. (Coleção Comunicações e Cultura). Guararema, SP: Anadarco, 2013. 167pgs.

SWEETMAN, Paul. Tourists or Travellers? 'Subcultures', Reflexive Identities and Neo-Tribal Sociality. In: BENNET, Andy. KAHN-HARRIS, Keith. **After Subculture**: Critical Studies in Contemporary Youth Culture. New York: Palgrave Macmillan, 2004. 197p.

THORNTON, Sarah. **Club Cultures**: music, media and subcultural capital. Oxford: Polity, 1995.

WANZO, Rebecca. **African American acafandom and other strangers**: New genealogies of fan studies. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.3983/twc.2015.0699>

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 216, jan./abr. 2005.